



# A mãe de todas as perguntas

1.12.2019 | por [Maria Eugênia de Menezes](https://teatrojornal.com.br/author/mariaeugenia/)  
(<https://teatrojornal.com.br/author/mariaeugenia/>)

Foto de capa: André Cherri

O corpo atravessa *Stabat mater*. É a partir dele que surgirão as imagens e ideias manipuladas por esse espetáculo concebido e atuado por Janaina Leite. O corpo será espaço para o real – evocado constantemente nessa criação. O corpo será o símbolo da sacralidade e da profanação: o corpo imaculado da Virgem Maria, o corpo eviscerado das mulheres assassinadas em filmes de terror, o corpo da mãe.

Em dois corpos presentes em cena – o de Janaina e o de sua própria mãe, Amalia Fontes Leite – dá-se a fricção entre duas feminilidades. Uma eloquente, outra silente; uma potente, outra retraída; uma dolorosa, outra *speciosa* (conforme as definições dos dois hinos da tradição católica chamados de *Stabat mater*, que louvam tanto as dores quanto as alegrias da mãe de Jesus).

Não é a primeira vez que Janaina explora questões biográficas para construção de uma dramaturgia. Assim se deu em *Festa de separação: um documentário cênico*, quando a atriz e um ex-marido expunham um ritual que marcava o fim da relação conjugal e, mais recentemente, em *Conversas com meu pai*, na qual examinava o vínculo familiar partir de uma série de bilhetes por meio dos quais o pai, após uma traqueostomia, se comunicava com ela.

Por diversos motivos, *Stabat mater* pode ser entendida como uma obra de desdobramento de *Conversas com meu pai*. Não apenas por explorar a dualidade paternidade/maternidade, mas por repetir (e radicalizar) uma série de procedimentos que foram utilizados na criação de 2014, cuja dramaturgia e direção foi dividida com Alexandre Dal Farra. Em ambos os

*“Em ‘Stabat mater’, a violência masculina contra as mulheres surge como tema e a forma performática convida a atriz e pesquisadora Janaina Leite a expor o corpo a situações-limite. A princípio, a proposição mira uma subversão de dois eixos: a vítima do estupro, o corpo antes supliciado, agora estará no controle. E a mãe na vida real, sempre silente em cena, será instada a chocar-se, a mover-se”*

títulos, o mergulho na própria biografia se dá por um discurso endereçado diretamente à plateia. Tudo o que está em cena é desdramatizado – não existe um enredo a ser encenado, mas cria-se a ideia de uma experiência a ser partilhada.

Nesses casos, o espectador não se vê confrontado com a representação de um determinado episódio, mas com a situação em si, plasmada no corpo da atriz e na elaboração de suas memórias. Uma das críticas mais comuns endereçadas a essa vertente de trabalho – que pode ser denominada como teatro do real ou teatro documentário – é sua pretensa ambição de apropriar-se de uma verdade e trazê-la à cena, como se isso

pudesse se dar sem uma mediação. O que Janaina Leite faz nas duas peças, contudo, é desconfiar de sua versão dos fatos, tensionando de maneira interessante os limites entre ficção e realidade.



Mãe da atriz, Amalia Fontes Leite é enredada à criação, surgindo silente ou à margem da cena em determinados momentos: nova temporada no Teatro de Contêiner Mungunzá

André Cheri

Importa pouco saber se determinada informação é verídica. Mesmo o desfecho da obra – aparentemente determinado por um acontecimento desestabilizador, que não fora planejado durante o processo de criação – não será impactado pela veracidade ou não dos fatos. Mas pela decisão de incluir aquele dado. A própria definição de verdade está sob escrutínio. Ela pode variar para cada uma das três figuras presentes em cena: a palestrante, a mãe e Priapo, um homem mascarado. Assim como também vai sendo construída e desconstruída pela narradora\autora conforme os pedaços de seu quebra-cabeça são dispostos para a plateia. Objetos, relatos de conversas, imagens de sonhos, documentos, trechos e citações de obras não

teatrais, como é o caso do ensaio de Julia Kristeva (que empresta nome ao espetáculo), da ideia de ato psicomágico de Alejandro Jodorowski e de algumas passagens bíblicas.

Nesse emparelhamento com a estrutura de uma palestra, a criação se posiciona em um interessante meio de caminho das teatralidades atuais. Como se pudéssemos situá-la entre os teatros do real, que costuma se caracterizar pela natureza política do que é trazido à cena e por uma estreita relação com o contexto social, e as produções de autoficção, gênero cujo conceito importamos da crítica literária e que nos remete a situações em que as figuras do autor, narrador e personagem se confundem.



([https://www.sescsp.org.br/programacao/210048\\_NOVOS+BAIANOS?utm\\_source=teatrojornal&utm\\_medium=banner&utm\\_campaign=novos&utm\\_content=210](https://www.sescsp.org.br/programacao/210048_NOVOS+BAIANOS?utm_source=teatrojornal&utm_medium=banner&utm_campaign=novos&utm_content=210))

A opção cênica em questão soa especialmente feliz por permitir que o trato com um material tão íntimo, como são as reverberações da relação entre uma filha e sua mãe, descole-se de uma moldura de investigação individual e encontre ressonância nos lugares sociais em que dispomos mulheres – sempre atravessados pelos ideais de maternidade, que por sua vez esbarram invariavelmente na santidade e na abnegação da virgem mãe de Jesus.

Em sua encenação/palestra, Janaina nos apresenta os vínculos entre processos psíquicos muito arcaicos e manifestações da cultura de massa. O desejo pelo retorno ao útero, do qual o avesso é o pavor de ser tragado ou fundido ao corpo feminino, ajuda a entender os procedimentos típicos dos filmes de terror, por exemplo. Às imagens dos corpos destroçados das personagens dessas obras sobrepõem-se as filmagens da própria atriz no parto. Ali, uma manipulação no material gravado permite que o bebê não apenas saia de sua mãe, mas retorne a ela.

São muito interessantes as conexões que *Stabat mater* propõe de maneira explícita, mas também poderosas aquelas que o espectador pode construir segundo sua própria experiência e referenciais. O bebê que entra na mãe não é o falo perdido, reencontrado, ambicionado? A proximidade entre o dar à luz e o ato sexual não deixa o ideal de santidade da maternidade ainda mais estranho? Por que a presença da mãe da atriz, mesmo quando trazida ao centro da cena, permanece incomodamente discreta?

Enquanto o corpo de Janaina se expõe como objeto de fetiche e sacrifício, o corpo de sua mãe se esconde sob um manto vermelho. De rainha ou de demônio? Assim como não conhecemos a história de Maria – ela vive para e por seu filho – nada adivinhamos de Amália como indivíduo. Sabemos que teve um casamento infeliz, que sofreu para criar as filhas, que se sentiu impotente e que permaneceu a cumprir a sua função materna apesar de qualquer empecilho em seu caminho.

(<https://teatrojornal.com.br>)

**Teatrojornal**

buscar

**Sobre** (<https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/>) para entender a representação da mãe. Aquela **Ações** (<https://teatrojornal.com.br/acoes/>) não arreda pé da cruz durante sua agonia. O **Acervo** (<https://teatrojornal.com.br/acervo/>) reposicionamento dessa presença, que deixará de ser lida como abnegação.



Lucas Asseituno e Janaina Leite: o fetiche da 'pole dance' e as imagens gravadas do set de cenas pornográficas aproximam a atriz e pesquisadora da arte da catalã Angelica Liddell

André Cherri

Um facão é usado para rememorar um episódio em que Janaina foi vítima de um estupro. Mais adiante, o objeto retorna em outra cena, dessa vez em suas mãos, para degolar a mãe. Na degola do corpo materno colocam-se muitas chaves para leitura (cênica, social ou psicanalítica?). Cortar a cabeça da mãe, aqui, é matar a passividade, é diferenciar-se da mulher “frágil” que lhe deu origem.

Curiosamente (ou sintomaticamente) pouco retratadas pela literatura, as mães, quando aparecem, costumam representar forças conservadoras contra as quais é preciso lutar. Nos romances da inglesa Jane Austen, por exemplo, a figura materna costuma representar a permanência, a prisão. Sua morte, portanto, é condição para o desenvolvimento da subjetividade.

A proposta de criação de uma cena de sexo explícito entre Janaina e um ator pornô endossa a evidente filiação de *Stabat mater* com o teatro de Angelica Liddell. Tal como nas criações da multiartista catalã, a violência masculina contra as mulheres surge como tema e a forma performática convida a atriz a expor o corpo a situações-limite. A princípio, a proposição mira uma subversão de dois eixos: a vítima do estupro, o corpo antes supliciado, agora estará no controle. E a mãe, sempre silente, será instada a chocar-se, a mover-se.

A expectativa de sua partida eminente, tantas vezes referenciada, pode ser decerto vista como desejo. Se a mãe for degolada, a atriz poderá, enfim, gozar a morte dessa memória constante da vulnerabilidade. Se Amalia for embora, um impasse poderá ser resolvido – seja ao aprofundar a sensação de abandono desta filha, seja ao livrar-se da máscara de impotência que lhe parece presa ao rosto.

Quando o ator pornô abandona o projeto, a imobilidade da mãe será ressignificada. Exposta a constrangimentos, simbolicamente “violentada”, instada a partir, ela não se move. Talvez pela consciência do abismo que a filha abre debaixo dos próprios pés em cada um dos seus movimentos. Mas o fato é que a mãe pode, então, deixar de ser rastro de passividade para tomar o lugar de pedra de resistência.

Como fazer para atravessar essa pedra que se coloca no meio do caminho? Como desviar-se dela, sem carregá-la às costas ou implodi-la? Talvez essas sejam perguntas para um próximo projeto.

.. Participe do Encontro com Espectadores (<https://teatrojornal.com.br/encontro-com-espectadores/#agenda>) que no domingo, 1º/12, às 15h, recebe Janaina Leite e a dramaturgista e coassistente de direção Lara Duarte para conversar acerca de Stabat mater. No Itaú Cultural, entrada franca.

**Serviço:**

Onde: Teatro de Contêiner Mungunzá (Rua dos Gusmões, 43, Santa Efigênia, tel. 11 97632-7852)

Quando: terça e quarta, às 20h. Até 11 de dezembro

Quanto: R\$ 5 (moradores), R\$ 20 (meia) e R\$ 40

Duração: 105 minutos

Classificação indicativa: 18 anos



Montagem estreou em 21 de junho de 2019 na 5ª Mostra de Dramaturgia em Pequenos Formatos Cênicos do Centro Cultural São Paulo André Cheri

**Equipe de criação:**

Concepção, direção e dramaturgia: Janaina Leite

Performance: Janaina Leite, Amália Fontes Leite e Priápo

Participações especiais: Lucas Asseituno (Priápo amador) e Loupan (Priápo profissional)

Dramaturgismo e assistência de direção: Lara Duarte e Ramilla Souza

Colaboração dramaturgica: Lillah Hallah

Direção de arte, cenário e figurino: Melina Schleder

Iluminação Paula Hemi (ultraVioleta\_s)

Videoinstalação e edição: Laíza Dantas (ultraVioleta\_s)

Assistência geral: Luiza Moreira Salles

Sonoplastia e operação de som e vídeo: Lana Scott

Operação de luz: Jhenifer Santine

Preparação vocal: Flavia Maria Campos

Provocação cênica: Kenia Dias e Maria Amélia Farah

Concepção audiovisual e roteiro: Janaina Leite e Lillah Hallah

Direção de fotografia: Wilssa Esser

Participação em vídeo: Alex Ferraz, Hisak, Jota, Kaka Boy, Mike e Samuray Farias

Identidade visual, projeções e mídias sociais: Juliana Piesco

Fotos: André Cherri

Assessoria de imprensa: Frederico Paula – Nossa Senhora da Pauta

Direção de produção e circulação: Carla Estefan – Metropolitana Gestão Cultural

**ARQUIVADO EM:**

**Amalia Fontes Leite**

**(<https://teatrojornal.com.br/tag/amalia-fontes-leite/>)**

**André Cherri**

**(<https://teatrojornal.com.br/tag/andre-cherri/>)**

**Carla Estefan**

**(<https://teatrojornal.com.br/tag/carla-estefan/>)**

**Critica (<https://teatrojornal.com.br/tag/critica/>)**

**Encontro com Espectadores**

**(<https://teatrojornal.com.br/tag/encontro-com-espectadores/>)**

**Janaina Leite**

**(<https://teatrojornal.com.br/tag/janaina-leite/>)**

**Laíza Dantas (<https://teatrojornal.com.br/tag/laiza-dantas/>)**

**Lana Scott (<https://teatrojornal.com.br/tag/lana-scott/>)**

**Lara Duarte (<https://teatrojornal.com.br/tag/lara-duarte/>)**



**Lillah Hallah**

(<https://teatrojornal.com.br/tag/lillah-hallah/>)

**Loupan** (<https://teatrojornal.com.br/tag/loupan/>)

**Lucas Asseituno**

(<https://teatrojornal.com.br/tag/lucas-asseituno/>)

**Luiza Moreira Salles**

(<https://teatrojornal.com.br/tag/luiza-moreira-salles/>)

**Maria Eugênia de Menezes**

(<https://teatrojornal.com.br/tag/maria-eugenia-de-menezes/>)

**Melina Schleder**

(<https://teatrojornal.com.br/tag/melina-schleder/>)

**Paula Hemi**

(<https://teatrojornal.com.br/tag/paula-hemi/>)

**Priapo** (<https://teatrojornal.com.br/tag/priapo/>)

**Ramilla Souza**

(<https://teatrojornal.com.br/tag/ramilla-souza/>)

**Stabat mater**

(<https://teatrojornal.com.br/tag/stabat-mater/>)

**ultraVioleta\_s**

([https://teatrojornal.com.br/tag/ultravioleta\\_s/](https://teatrojornal.com.br/tag/ultravioleta_s/))

**QUER RECEBER MAIS  
ARTIGOS COMO ESTE?  
ENTÃO DEIXE SEU E-MAIL:**

e-mail

**QUERO RECEBER >**

**MARIA EUGÊNIA DE MENEZES**

[mariaeugenia@teatrojornal.com.br](mailto:mariaeugenia@teatrojornal.com.br) ([ma](mailto:mariaeugenia@teatrojornal.com.br)  
[mariaeugenia@teatrojornal.com.br](mailto:mariaeugenia@teatrojornal.com.br))



COMPARTILHE

## RELACIONADOS



## Arte em tempos de cólera

## Barracão dá a ver usuração do chapéu

# NOVOS BAIANOS

Até 15 de dezembro | 2019  
Quinta a domingo  
Sesc Vila Mariana



([https://www.sescsp.org.br/programacao/210048\\_NOVOS+BAIANOS?utm\\_source=teatrojornal&utm\\_medium=banner&utm\\_campaign=novos&utm\\_content=310](https://www.sescsp.org.br/programacao/210048_NOVOS+BAIANOS?utm_source=teatrojornal&utm_medium=banner&utm_campaign=novos&utm_content=310))

### LEITURAS DE CENA

Site de crítica teatral criado em 2010 e empenhado na difusão e análise da cena contemporânea. Os autores valorizam a abordagem jornalística defendida como aquela que não abre mão do rigor, mas busca dialogar com um amplo círculo de leitores.

### ASSINE NOSSA NEWSLETTER

e-mail

QUERO RECEBER >

Apoio:

#### SOBRE

([HTTPS://TEATROJORNAL.COM.BR/TEATROJORNAL/](https://teatrojornal.com.br/teatrojornal/))

#### ACÓES

([HTTPS://TEATROJORNAL.COM.BR/ACOES/](https://teatrojornal.com.br/acoes/))

**Encontro com Espectadores**  
(<https://teatrojornal.com.br/encontro-com-espectadores/>)

**Crítica Militante**  
(<https://teatrojornal.com.br/critica-militante/>)

#### TEXTOS

**Crítica**  
(<https://teatrojornal.com.br/categoria/>)

**Artigo**  
(<https://teatrojornal.com.br/categoria/>)

**Reportagem**  
(<https://teatrojornal.com.br/categoria/>)

**Entrevista**  
(<https://teatrojornal.com.br/categoria/>)

**Resenha**  
(<https://teatrojornal.com.br/categoria/>)

#### ACERVO

([HTTPS://TEATROJORNAL.COM.BR/ACERVO/](https://teatrojornal.com.br/acervo/))